



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

PROPOSTAS PARA O ENSINO DE FOTOJORNALISMO NOS CURSOS DE JORNALISMO DO BRASIL

Agda Aquino; profagdaaquino@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo trazer propostas viáveis para a estruturação do ensino de fotojornalismo nos cursos de graduação em jornalismo do país, através dos fluxogramas e matrizes curriculares, mas também apontando para outras possibilidades de fortalecimento do campo dentro do processo de ensino-aprendizagem em nível superior do jornalista brasileiro. Diante da lacuna deixada pelas atuais DCNs para o Ensino de Jornalismo, que foram as primeiras a não citar, especificar ou sequer pontuar o fotojornalismo em suas linhas, corremos o risco de um efeito cascata de enfraquecimento do campo no ensino, ou até de desaparecimento da importância do domínio dessa linguagem técnico/estética na formação do jornalista, contradizendo o perfil do jornalismo brasileiro que atua cada vez mais com a imagem fotográfica e com o jornalismo visual em geral. Este trabalho vem no de demonstrar que é urgente a discussão de uma pedagogia do fotojornalismo e apontar possíveis caminhos para isso.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino. Fotojornalismo. Diretrizes. Fluxograma. Jornalismo.

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo visual como um todo é um campo que cresce e que se fortalece a cada dia. Apesar de continuar a ser uma das ferramentas centrais do trabalho do jornalista, a produção textual convencional não é, há tempos, a única ferramenta que o profissional de jornalismo tem para exercer sua atividade profissional.

O método do trabalho jornalístico pode ser entendido, principalmente, como aquele que articula três habilidades: (a) o saber do reconhecimento - que o habilita a selecionar os acontecimentos sociais elegíveis à categoria de notícia dentro do complexo de coisas que acontecem; (b) o saber de procedimento - relacionado às técnicas de investigação, apuração e checagem; (c) e o saber da narração - que consiste no ápice das duas etapas anteriores: decodificar e traduzir os fatos em tempo hábil e em linguagem acessível e atrativa para os leitores/público (AGNEZ, 2017). Essa tradução não precisa ser exclusivamente através do texto escrito e pode ser feita com diversas linguagens, inclusive a visual e, mais especificamente, a fotojornalística.

Há, sem dúvidas, uma resistência por parte de alguns grupos, tanto da academia quanto do mercado, em abraçar o fotojornalismo como uma atuação dentro

do jornalismo, ou mesmo um gênero jornalístico, que esteja em pé de igualdade com outras como o telejornalismo, o radiojornalismo ou o webjornalismo. Os motivos para isso são palpáveis e documentados através da historicidade da profissão e do ensino no nosso país. O curso de jornalismo nasce, nos anos 1950, vinculado às faculdades de Filosofia e toda documentação histórica, legislativa ou pedagógica, que atravessa a formação está repleta de referências ao jornalista ser um “intelectual do texto” (AQUINO, 2021a).

Mas também há uma historicidade que permite que a fotografia esteja presente nos cursos e se mantenha nos fluxogramas, mesmo sendo excluída das atuais diretrizes: história dos cursos, que trazem a fotografia como conteúdo importante para a formação desde 1908 (AQUINO, 2022a), as estruturas montadas nas IEs através de laboratórios e equipamentos fotográficos, a ânsia e o desejo dos discentes pelo contato mais profundo com a produção fotográfica e, principalmente, as demandas do mercado, que exigem cada vez mais que os jornalistas possuam habilidades diversas, além do domínio da escrita.

O enfraquecimento do ensino de fotojornalismo nos cursos de bacharelado em jornalismo é um perigo real após a publicação das atuais diretrizes e se faz urgente uma reação a isso no intuito não apenas reverter essa situação como também ir no sentido contrário: a do fortalecimento dessa habilidade da formação do jornalista contemporâneo. Alguns dos principais argumentos para isso são os dados trazidos pela pesquisa sobre o perfil do jornalista brasileiro (LIMA, 2022), que identifica que mais de 50% dos jornalistas atuam, de alguma forma, profissionalmente com a fotografia. Esse perfil já havia sido identificado na pesquisa anterior, de 2012 (MICK; LIMA, 2013), que trouxe que 35,4% dos jornalistas que trabalhavam diretamente com a mídia incluíam a fotografia nas suas atuações e que quase metade dos profissionais de jornalismo que trabalhavam fora da mídia (47,8%), como em assessorias de imprensa, por exemplo, também produziam imagens fotográficas em seu trabalho jornalístico, em detrimento dos apenas 7,5% que fazem captação de vídeo. Isso abre espaço para outra discussão importante, que precisa ser citada mas que não será abordada neste artigo: a precarização do trabalho jornalístico, o acúmulo de funções sem o conseqüente acúmulo de remuneração e a necessidade de atualização da

legislação que rege a função de fotojornalista no mercado brasileiro (AQUINO, 2021b). A pesquisa também traz dados comumente associadas à profissão, como gestão da área e/ou comunicação (46%), reportagem (42,2%), edição (41,8%) e fotografia (32,2%) (LIMA, 2021).

Portanto, esse trabalho se propõe a pensar: quais são maneiras viáveis de fortalecimento do ensino de fotojornalismo nas graduações em jornalismo do Brasil? Trazemos então diferentes propostas acompanhadas de discursões capazes de ser um pontapé para a propositura de uma ação conjunta no sentido de lançar luz a um problema atual da formação e caminhar para soluções possíveis, objetivando uma formação que atenda melhor ao perfil pretendido do jornalista do futuro, capaz de ser vetor de transformação e criação de uma nova visualidade fotojornalística.

2. PROPOSTAS PARA O ENSINO DE FOTOJORNALISMO NOS PPCS E FLUXOGRAMAS

Como constatado em pesquisas anteriores, a exemplo de Aquino (2021a e 2022b), muitos cursos de jornalismo trazem apenas uma disciplina ou componente curricular voltado para fotojornalismo em sua estrutura obrigatória. Na maioria das vezes no início do curso, em especial no primeiro período letivo. Esse é um modelo que se consagrou a partir do último Currículo Mínimo, publicado em 1984, o que durou mais tempo em vigor no país.

A título de contextualização, a Legislação Educacional que rege os cursos de comunicação social/jornalismo no país passa por três fases formais: (1) de 1943 a 1958, com os decretos que cumprem principalmente a missão de implantar os cursos de bacharelado de jornalismo no país, além das primeiras configurações sobre do que se tratariam esses cursos; (2) a maior fase, de 1962 a 1984, com os currículos mínimos, que padronizavam e engessavam os fluxogramas dos cursos de norte a sul do país, com matrizes curriculares e, muitas vezes, ementas e bibliografias definidas em legislação (ANTONIOLI, 2006). Os currículos mínimos tiveram seu fim com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), publicada em 1996, que

instaurou um nível de liberdade para que as Instituições Superiores de Ensino pudessem criar seus próprios Projetos Pedagógicos e estruturação dos cursos de maneira mais personalizada, tomando como base critérios como localização geográfica, população e perfil político/social da IEs e sua missão junto àquela comunidade, bem como o perfil dos professores e de suas pesquisas. Isso não significa que os cursos podem ser diferentes na totalidade: é necessário que a formação em jornalismo tenha objetivos em comum e eixos temáticos e de trabalho, além de um perfil do egresso, que se assemelhe. Por isso passaram a existir as Diretrizes Curriculares de cada área/curso, documento que serve como norteador para uma certa unidade conceitual sobre as formações para as diversas profissões no país.

O Currículo Mínimo de 1984 é o que fica por mais tempo em vigor no país: 17 anos, prolongados por mais 12 já que só as diretrizes de 2013 efetivamente reajustam os eixos da formação superior em jornalismo. Esse currículo de 1984 é, dentre todos que existiram no Brasil, o que dá mais ênfase ao fotojornalismo e assim fortaleceu o campo e proporcionou um entendimento da importância do ensino de fotojornalismo que a ausência da fotografia nas atuais diretrizes não foi capaz de desfazer. “É também um texto que traz detalhes dos laboratórios, a exemplo do tipo e da quantidade de cada equipamento e um cálculo da relação aluno-equipamento, bem como detalha as ementas de cada disciplina” (AQUINO, 2021a, p. 102).

Nesse período, além da disciplina obrigatória de fotojornalismo que vinha do currículo mínimo, os cursos de Comunicação Social com habilitação em jornalismo comumente traziam ainda outros conteúdos, a exemplos de “Técnicas, equipamentos e Materiais Fotográficos”, “Tópicos em Fotojornalismo”, “Reportagem Fotográfica”, “História da Fotografia”, “Oficina de Fotografia”, “Tópicos em Fotografia”, dentre outros. Portanto, nosso objetivo aqui não é resgatar esse modelo, mas tomar ele como inspiração para uma nova forma de incorporação do fotojornalismo no ensino superior em jornalismo, dando a devida importância do campo para a formação.

2.2 Liberdade, adaptação e modelos inspiradores

O objetivo aqui não é fechar um padrão de formação ou, muito menos, recorrer à antiga estratégia dos Currículos Mínimos que não deixavam margem para ajustes locais e demandas, perfis e projetos específicos das IES. Caminhamos no sentido de demonstrar sugestões viáveis, práticas, objetivas e que possam servir de inspiração para pensar formas de incluir a fotografia nos PPCs de Jornalismo de maneira fortalecida.

Sabemos que, a partir da Lei Federal nº 9.394 de 1996, de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), os cursos superiores passaram a ter autonomia na elaboração das suas propostas pedagógicas, tendo como norteador principal as orientações e especificações das Diretrizes Curriculares de cada área. Portanto, a forma como a fotografia ou outros conteúdos são implantados em cada curso de jornalismo depende, diretamente, do grupo de professores de cada IES responsável pelas elaborações e ajustes dos PPCs. Isso, a nosso ver, engrandece as possibilidades de formação dentro do mesmo campo, além de sintonizar o perfil do egresso com seu contexto local.

De acordo com levantamentos feitos anteriormente em PPCs e Fluxogramas dos cursos de Jornalismo do Brasil, pudemos constatar que a maioria das instituições oferta pelo menos um componente curricular voltado para o campo da fotografia, sendo o mais comum ofertar duas disciplinas e, em menor número, três na grade obrigatória. Muitos ofertam também conteúdos para o campo fotográfico em caráter opcional ou eletivo, como uma forma de promover uma ênfase da formação imagética para alunos mais interessados no campo (AQUINO, 2021a e 2022b).

Porém existem também aquelas instituições que inovam na estrutura e propõem a inclusão dos conteúdos de fotografia de maneira distinta, trago aqui dois exemplos que ilustram essas situações: do curso de Jornalismo da UFRJ e do curso de Jornalismo da UFBA. O Projeto Pedagógico da UFRJ tem uma característica particular: oferta cinco opções diferentes de trilhas de formação em um fluxograma que encaminha o aluno ou a aluna para uma ênfase específica no campo jornalístico. Segundo o texto do PPC do curso, isso amplia as opções e dá mais liberdade para os

discentes definirem seu perfil profissional dentro do campo. Além de uma formação geral em Jornalismo, os alunos podem optar em dar ênfase em um desses campos de atuação profissional: (1) Formação para pesquisa; (2) Jornalismo especializado; (3) Jornalismo audiovisual e digital; (4) Jornalismo gráfico e fotográfico e (5) Gestão e inovação em jornalismo. Na prática, isso significa quase metade do curso é composta de uma formação comum a todos, mas que, com o passar dos semestres, vai se afinando para a especialidade escolhida.

No PPC da UFRJ há uma explanação sobre cada uma das trilhas, explicando que a de jornalismo gráfico e fotográfico aborda o aprofundamento nessas linguagens. “Já a trilha gráfico-fotográfico, que tem duas disciplinas do núcleo comum com o currículo de Comunicação Social, investe na especificidade das respectivas linguagens, possibilitando ao aluno aprofundar-se em cada uma delas” (UFRJ, 2018, p. 20). É importante ressaltar que essa não é a mesma proposta da antiga formação em Comunicação Social com suas habilitações. Nesse caso específico, o bacharel será em jornalismo independente da trilha que escolha percorrer na sua formação.

Independente da trilha que escolha, todos os alunos precisam cursar, no “conteúdo geral”, três disciplinas de fotografia, nos três primeiros semestres, são elas: ‘Linguagem Fotográfica’ (primeiro período), ‘Laboratório 2 (Fotografia)’ (segundo período) e Fotojornalismo I (terceiro período). Há a inclusão de outras cinco disciplinas específicas em fotografia para aqueles que optam pela ênfase em Jornalismo Gráfico e Fotográfico: ‘Fotojornalismo II’, no quinto semestre, ‘Experimento Fotográfico’ A e C no sexto, e B e D no sétimo. Ao disponibilizar um caminho de formação especializado no jornalismo gráfico e fotográfico, o curso assume o campo do jornalismo visual, no qual a fotografia se insere, como uma área nobre de atuação, no mesmo patamar que as outras.

A proposta pedagógica do curso de Jornalismo da UFBA objetiva a integração dos processos e da produção jornalística, agrupando as principais áreas da práxis jornalística em um grande componente curricular por semestre que abrange diversas vertentes, de forma dialogada e com professores de diferentes campos trabalhando

juntos. Essas disciplinas são nomeadas de Jornalismo Integrado, com 136 horas/aula cada, uma por semestre letivo, a partir do segundo semestre letivo até o sétimo. O conteúdo de fotografia está inserido no quarto período do curso, ou seja, em Jornalismo Integrado III, com o mesmo peso e importância que as outras áreas de atuação que dialogam nesse semestre letivo.

Além dessa matéria, consta no PPC outros três conteúdos voltados para a fotografia (sem especificação da carga horária): Iniciação a Fotografia, Oficina de Fotografia e Temas Especiais em Fotojornalismo, somando ao total quatro conteúdos que se voltam para o campo fotográfico (AQUINO, 2022b, p. 9).

Esses exemplos servem, principalmente, para ilustrar que não existe uma fórmula única de disposição dos conteúdos de fotografia ao longo da formação do alunado, bem como é imprescindível que o fotojornalismo seja uma habilidade técnico-estética basilar na graduação para a área jornalística.

2.3 Propostas para os fluxogramas

O campo do fotojornalismo é bastante específico dentro da atuação jornalística e, ainda mais, da pedagogia do jornalismo. Para compreender a dinâmica processual, intelectual, técnica e estética do fotojornalismo é necessário acessar saberes tanto do domínio do jornalismo, suas dinâmicas, linguagens, métodos e éticas, bem como do campo específico da fotografia, que está muito longe de ser apenas o manuseio do equipamento ou um “dom” com o qual se nasce ou é passado de pai para filho. A legislação sobre a atuação profissional desse campo é dúbia e repleta de lacunas, o que dá margem para interpretações muito diversas (AQUINO, 2021b).

Porém a legislação educacional sobre o ensino de jornalismo no país deste a primeira metade do século passado traz o ensino de fotografia como fundamental para a formação do jornalista (AQUINO, 2021a, 2022a). Mas muitos dos professores de fotografia nos cursos de jornalismo do país foram, por longos períodos, profissionais de mercado que articulavam pouca reflexão intelectual ao ensino, com algumas exceções. Hoje vivemos uma realidade distinta: professores de fotojornalismo de todo país são também pesquisadores, intelectuais, produtores de

conhecimento científico e engajados em um processo pedagógico que vá além do clique. A seguir trazemos sugestões de modelos ou propostas para fortalecer esse campo dentro do ensino de jornalismo, propostas essas que também podem ser compreendidas como um convite para uma reflexão maior e coletiva sobre uma pedagogia do fotojornalismo.

2.3.1 Evitar a disciplina única e isolada

As atuais DCNs (2013) orientam que seja feito um esforço no sentido de que desde o primeiro semestre do curso os alunos tenham contato com conteúdos específicos do jornalismo e que as atividades laboratoriais sejam iniciadas o mais breve possível. Essa orientação visa, dentre outras coisas, extinguir a dinâmica cristalizada no período de vigência dos cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, onde havia uma estrutura que fortalecia a já tão discutida e ultrapassada questão da teoria *versus* a prática. Essa estratégia também cumpre outra missão: a de diminuir a evasão dos cursos ao propor que os alunos, desde o começo, tenham contato com as atividades do campo.

Porém, se tornou comum que vários cursos traduzam essa orientação simplesmente deslocando um componente de fotografia/fotojornalismo para o primeiro semestre letivo. Em vários projetos pedagógicos, essa é a única vez em que a linguagem fotográfica aparece, como algo para o qual não seria necessário conhecimento prévio em jornalismo e muitas vezes sem servir como pré-requisito para outros conteúdos, como é o caso dos fluxogramas dos cursos da UnB e da UFPB, por exemplo, onde essas disciplinas são dispostas de maneira desconectada do restante da formação.

Entender que apenas um componente curricular de fotografia, isolado no primeiro semestre letivo, é suficiente para a formação em jornalismo é um equívoco gerado principalmente pela falta de conhecimento do campo e de sua importância para a atuação. Entendemos que é necessário evitar essa maneira de incluir a fotografia na formação e que o mínimo de conteúdos sobre fotografia/fotojornalismo

para uma graduação em jornalismo deve ser de, pelo menos, dois componentes curriculares, subsequentes ou não, com oferta de opções fora da grade obrigatória para dar oportunidade aos discentes mais interessados no campo em se capacitar melhor na linguagem fotográfica como ferramenta para o exercício do jornalismo.

2.3.2 O mínimo de dois componentes curriculares obrigatórios no Fluxograma

Nem sempre é possível a implantação de uma situação ideal para o ensino de fotojornalismo nos cursos de jornalismo do país, que seria ter essa linguagem no mesmo peso e na mesma proporção que outras atuações como telejornalismo, webjornalismo e radiojornalismo, por exemplo. Mas para que uma pedagogia do fotojornalismo ocorra de maneira minimamente satisfatória para a formação se faz necessário, pelo menos, dois componentes curriculares obrigatórios no fluxograma, se ele for semestral, ou um anual, contendo todo o conteúdo.

O mais adequado é que o primeiro seja aquele que faz um panorama do campo fotográfico em geral, da história da fotografia, dos conceitos clássicos, das características da linguagem fotográfica como enquadramentos, planos, ângulos, luz, variáveis de exposição, ética, direito autoral e direito de imagem além do manuseio básico do equipamento fotográfico e seus acessórios, dentre outros conteúdos. Este é um momento importante para fomentar as referências e o vocabulário imagético dos discentes e inseri-los numa dinâmica onde a imagem fotográfica se transforma na sua mediação com o mundo. Esse componente curricular pode ser ministrado no primeiro ou no segundo semestre letivo e ter diversas nomenclaturas, a exemplo de “Introdução à Fotografia”, “Fotografia”, “Linguagem Fotográfica” ou mesmo “Fotografia I”, como aparece em alguns fluxogramas.

A segunda disciplina proposta é aquela que traz e discute as demandas específicas do campo: o fotojornalismo. Entende-se que após uma base sobre o domínio da fotografia em geral e com uma compreensão do jornalismo seja possível avançar nas características, modos de produção, visualidades, dinâmicas de trabalho, subgêneros fotojornalísticos e executar projetos mais aprofundados. De maneira

geral, esse componente específico deveria vir subsequente ao anterior, para que não haja muito distanciamento entre os conteúdos e se promova melhor uma continuidade da formação fotográfica. Porém, em alguns casos como no fluxograma da UFPE, esse componente específico do campo do fotojornalismo se distancia do primeiro, que é ministrado no início do curso, e só retoma no quinto semestre letivo. É possível ver vantagens e desvantagens nessa proposta: os alunos chegam mais maduros e com mais conhecimento a respeito do jornalismo, o que proporciona uma melhor compreensão do fazer e dos usos fotojornalísticos, mas distancia-se do conteúdo introdutório, correndo o risco de ter que retomar boa parte do que foi visto anos antes para conseguir avançar.

Essa disciplina também pode receber diversas nomenclaturas: desde o clássico e mais popular “Fotojornalismo”, até outros mais neutros como “Fotografia II” ou “Jornalismo Fotográfico”, e ainda com carga mais teórico/prática, a exemplo de “Laboratório de Fotojornalismo” e “Oficina de Fotojornalismo”. O conteúdo pode versar por questões como os gêneros fotojornalísticos, a pauta fotojornalística, Fotorreportagem e reportagem fotográfica, a fotografia enquanto documento e seu papel na construção de realidades, Ética: direito de imagem, direito de autor e limites da manipulação das imagens no fotojornalismo e a práxis fotojornalística.

2.3.3 Três conteúdos obrigatórios ao longo da formação

Uma situação mais desejada e apropriada para a formação seria a obrigatoriedade de três componentes curriculares, como acontece, por exemplo, no fluxograma da UFRJ. Essa sequência mais ampliada pode proporcionar um crescimento no domínio da linguagem fotojornalista e no amadurecimento do formando para o uso do fotojornalismo enquanto linguagem e na criação de propostas inovadoras que promovam uma nova visualidade para o fotojornalismo brasileiro.

Essa proposta pode ser implementada com opções variadas, com componentes curriculares subsequentes (preferencialmente) ou espaçados ao longo da formação.

Pode-se começar com uma “Introdução à Fotografia” ou ainda optar por um início mais reflexivo, como por exemplo, com “Teorias da Imagem”, que serviria como base não apenas para o fotojornalismo como também para o jornalismo visual em geral. A depender dessa escolha, os conteúdos seguintes podem versar sobre a práxis fotográfica em geral, sobre o fotojornalismo e a fotografia documental, com atenção para que a formação seja sempre uma crescente e uma ampliação de possibilidades, além de interligadas com os outros conteúdos jornalísticos. Essa relação pode ocorrer tanto a partir das ementas como implantando pré-requisitos ou ainda trabalhando projetos conjuntos, como no caso do fluxograma da UFBA.

Algumas opções de sequências de conteúdos para a formação podem ser: (1) Teorias da Imagem, Linguagem Fotográfica (ou Introdução à Fotografia) e Fotojornalismo (ou Laboratório de Fotojornalismo); (2) Introdução à Fotografia (ou Linguagem Fotográfica), Fotojornalismo e Fotografia Documental (ou Laboratório de Fotojornalismo e Oficina de Fotojornalismo).

2.3.4 Ensino de fotojornalismo no mesmo patamar que os outros campos

Sem dúvidas, a situação ideal seria a inclusão do ensino de fotojornalismo com a mesma carga horária, dinâmica, estrutura e força que outros campos de atuação no jornalismo, a exemplo de assessoria de imprensa, telejornalismo, radiojornalismo e webjornalismo. Para que isso ocorra de forma ampla no país é necessário que os docentes responsáveis pela formação dos futuros jornalistas repensem as possibilidades do fazer jornalístico, em especial na contemporaneidade e o papel da formação superior na concepção de novos paradigmas da atuação profissional.

2.3.5 Conteúdos complementares, optativos ou eletivos

Mesmo que não de maneira obrigatória, é importante proporcionar que os discentes que se interessam mais pelo campo fotojornalístico tenham opções de fortalecimento ou ênfase da formação nesta área. Isso pode ser feito de diversas formas, como promoção de cursos livres, eventos e palestras, mas também com a

oferta de componentes curriculares optativos. Algumas propostas possíveis são “Fotografia Documental”, “Teorias da Imagem”, “Pesquisa aplicada ao fotojornalismo”, “Projeto fotográfico”, “Fotolivro”, dentre outras.

2.3.6 Breve reflexão sobre as escolhas das referências bibliográficas

As referências bibliográficas devem ser pensadas com cautela e posicionamento, a fim de fomentar uma diversidade imagética e evitar o perigo de uma história única ou a uniformidade de conceitos e imagens (AZOULAY, 2015). Na prática, isso significa ficar atento a inserir como base leituras e materiais que sejam não apenas os consagrados autores europeus, mas também autores do sul global, brasileiros, latinos, africanos, indianos além de autoras mulheres, negros e indígenas, levantando questões sobre o protagonismo de quem produz as imagens da nossa sociedade. O mesmo raciocínio a respeito das referências bibliográficas pode ser usado para guiar os outros componentes curriculares sobre fotografia, tanto obrigatórios quanto eletivos.

Podemos dividir os livros de fotografia em alguns tipos: os teórico/reflexivos/filosóficos, como Sontag (2004), Aumont (1993), Barthes (2018), Flusser (2002), Dubois (1990), Machado (1984), Soulages (2010), Foncubierta (2012), Berger (2018) e Kossoy (2007, 2009). Metodológicos como o de Dondis (1997), Joly (1996) e Short (2013). Manuais de funcionamento e uso da câmera e da luz, como Aquino (2021c), Easterby (2010), Martins (2010) e Thales (2005). Específicos do campo do fotojornalismo, como Buitoni (2011), Boroski (2020) e Sousa (2004) ou ainda aqueles voltados para um campo mais objetivo, a exemplo do fotolivro, como Badger (2015) e Fernández (2011). Outros tantos poderiam ilustrar essa lista, mas esse pode ser considerado um ponto de partida para atualização e ampliação do leque de referências que sustentam a formação em fotojornalismo.

2.3.7 Para além da sala de aula

A proposta trazida nesse trabalho dá ênfase ao conteúdo obrigatório de fotografia/fotojornalismo nos fluxogramas do curso, enfatizando sua importância na formação dos jornalistas. Mas é essencial pontuar que esse compromisso com a qualidade do processo de ensino-aprendizagem em nível de graduação vai além da sala de aula, como cita a LDB: “As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano” (LDB, 1996, p. 37). Esses âmbitos da atividade universitária também estão descritos nas atuais DCNs para os cursos de jornalismo, no Artigo 2º, no qual se diz que a estrutura do curso de bacharelado em jornalismo deve:

II - utilizar metodologias que privilegiem a participação ativa do aluno na construção do conhecimento e a integração entre os conteúdos, além de estimular a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, propiciando suas articulações com diferentes segmentos da sociedade (BRASIL, 2013, p. 1).

Nessa missão é essencial que os Projetos Pedagógicos dos cursos explicitem que a atuação em fotojornalismo é uma das habilidades e atuações profissionais para a qual o curso forma, pontuada explicitamente no perfil do egresso. É necessário que os regimentos internos que normatizam os Trabalhos de Conclusão de Curso abracem também possibilidades teóricas e prático-reflexivas voltadas para o campo da fotografia jornalística e documental. A atuação em fotojornalismo como uma possibilidade nos estágios obrigatórios também faz parte desse pacote de ações necessárias para o fortalecimento do campo na formação. Também é de suma importância ter no quadro docente pelo menos um professor (a depender do quantitativo de turmas e alunos) dedicado ao campo, capaz de promover pesquisa e extensão na área. Por fim, mas não menos importante, como a fotografia é uma imagem técnica, mediada pela tecnologia (FLUSSER, 2011), é suma importância o investimento em laboratórios de fotografia estruturados com quantitativo de câmeras DSLRs¹ ou de tecnologias mais recentes, a exemplo das Mirrorless², suficientes para o

¹ Sigla que significa Digital Single Lens Reflex, que se refere ao jogo de espelhos dentro do equipamento que permite que ao olhar pelo visor o fotógrafo ou a fotógrafa visualize exatamente o que entra pela lente. As câmeras DSLRs são, em geral, com lentes intercambiáveis e chamadas no mercado de “câmeras profissionais”.

uso em sala de aula e a rotatividade entre os discentes, bem como manutenção desses equipamentos; estruturas de estúdio com equipamentos de iluminação apropriados, acessórios como tripés, flashes, rebatedores, cartões de memória, kits de limpeza, bolsas apropriadas e lentes com perspectivas óticas distintas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só através de propostas mais amplas e fortalecidas para o ensino de fotojornalismo nos bacharelados que será possível promover não apenas capacitação profissional adequada para as visualidades jornalísticas contemporâneas, como também reflexão e promoção de inovação imagética e construção de novas propostas visuais para um mercado que se modifica e dinamiza em velocidade acelerada. É preciso proporcionar que a formação universitária em jornalismo seja o espaço da criação e do surgimento de soluções para o jornalismo do futuro, e o ambiente universitário deve promover esse espaço de experimentações e inovações imagético-jornalísticas.

REFERÊNCIAS

AGNEZ, Luciane Fassarella. **Correspondente Internacional**: uma carreira em transição. Curitiba: Appris, 2017.

ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Ensino de Jornalismo**: e Legislação Educacional. São Paulo: L'Editora, 2006.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **O ensino de fotografia nos documentos educacionais de jornalismo através da análise arqueológica do discurso**. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 10, n. 27, p. 19-35, dez. 2020. Disponível em: <http://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/393>. Acesso em 01 de junho de 2022.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **Uma arqueologia do discurso sobre o ensino de fotografia no bacharelado em jornalismo no Brasil**: o status marginal do fotojornalismo, 2021. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2021a. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21136>. Acesso em fevereiro de 2023.

² Mirrorless significa “sem espelho” e designa um novo tipo de equipamento fotográfico usado cada vez mais na esfera profissional, mais tecnológico e moderno do que as DSLRs.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **FOTOJORNALISTA: o profissional marginalizado na legislação jornalística brasileira.** ÂNCORA – Revista Latino-americana de Jornalismo, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 32-49, jan/jun 2021. 2021b. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/58110/34067>. Acesso em 10 de julho de 2022.

AQUINO, Agda. **Lições de fotografia para fazer em casa: técnicas, composição e criatividade.** João Pessoa: Editora UFPB, 2021c. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/801>. Acesso em fevereiro de 2022.

AQUINO, Agda. **A fotografia no discurso sobre o ensino de jornalismo no Brasil na primeira metade do século XX.** Research, Society and Development, v. 10, n. 8, e18910817282, 2022a. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/17282/15374/219369>. Acesso em fevereiro de 2023.

AQUINO, Agda. **O fotojornalismo como uma obrigatoriedade de menor importância na formação superior em jornalismo: uma análise nos cursos das capitais do Nordeste.** Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2022b. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/index.html>. Acesso em fevereiro de 2023.

AUMONT, Jacques. **A Imagem.** São Paulo: Papyrus, 1993.

AZOULAY, A. **Civil imagination: a political ontology of photography.** Londres: Verso, 2015.

BADGER, Gerry. **Por que fotolivros são importantes.** Revista ZUM, n. 8, abril de 2015, pág. 132 – 155.

BARTHES, Roland. **A câmara clara;** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BERGER, John. **Modos de ver.** Lisboa: Antígona, 2018.

BOROSKI, Marcia. **Fotojornalismo: técnicas e linguagens.** Curitiba: Intersaberes, 2020.

BRASIL. Parecer CNE/CES nº 39, de 20 de fevereiro de 2013. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo.** Disponível em: pces039-13-pdf&category_slug=maio-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 jun. 2019.

BRASIL. Parecer CNE/CES nº 776, de 03 de dezembro de 1997. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_parecer77697.pdf. Acesso em junho de 2022.

BUITONI, Dulcília. **Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem.** São Paulo: Saraiva, 2011.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Papyrus, 1990.

EASTERBY, John. **150 lições para aprender a fotografar**: técnicas básicas, exercícios e lições para fotógrafos iniciantes. São Paulo: Editora Europa, 2010.

FERNÁNDEZ, Horácio. **Fotolivros latino-americanos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

FONTCUBERTA, Joan. **A Câmera de Pandora**. Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili, 2012.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LIMA, Samuel (Org.). **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum, 2022.

MACHADO, Arlindo. **A Ilusão Especular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTINS, Nelson. **Fotografia**: da analógica à digital. São Paulo: Editora Senac, 2010.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho do jornalista em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

SHORT, Maria. **Contexto e narrativa em fotografia**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOULAGES, François. **Estética da Fotografia**: perda e permanência, São Paulo, Editora SENAC, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

THALES, Trigo. **Equipamento Fotográfico**: Teoria e prática. São Paulo: Editora Senac, 2005.

UFRJ – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Bacharelado em Jornalismo**. 2018. Disponível em: <https://eco.ufrj.br/images/graduacao/jornalismo/PROJETO-PEDAGOGICO-DO-CURSODE-JORNALISMO-2018.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

UNB – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Projeto Político Pedagógico de Jornalismo**. 2018. Disponível em: http://fac.unb.br/wp-content/uploads/2018/03/1_Documento-Curriculo-_ppp_jor_final_10-07-2015-jornalismo.pdf. Acesso em: 17 mar. 2020.